

Apígo II

Eu me arrasto
ao fim da página,
como cobra,
lendo as palavras
que dissemos
juntos.

Eu caminho
eu deslizo
eu venho
em ondas
brava
breve
abreviando
este tempo.

Eu escrevo pra me curar.

Eu não desejo
outra coisa
senão quando sentir o veneno
ardendo na pele,
rasgando
queimando
me devorando,
que ainda assim
eu possa
pertencer
e permanecer
firme.

Abrigo

a Sasà

Quando você diz bom dia na sua e em outras línguas
e vejo a palavra dançar num ritmo alegre da sua boca
Eu sei
você é meu abrigo

Meu primeiro abrigo é o meu povo
O maimu
O nosso caldo de peixe
Os cheiros de chás
O céu que nos cobre no lavrado
e todas as tias que nos visitam para uma comemoração

Minha mãe diz que o makuxi dorme na gente — *e acorda*
E nós acordamos nossa língua no café da manhã

Quando você todo dia
afirma o amor que sente
Eu sei que a vida pode ser doce
em meio ao tempo de noites amargas

Aprendo que a mudança não é repentina, voraz e frágil
A transformação é forte e é meu arauto

Quando você me dá bom dia
na sua e em outras línguas
e vai falando sobre qualquer coisa
Eu sei que você também é meu abrigo